

**DESCULPAS AO TELEFONE**

Muitos anos atrás, ainda nos tempos dos jornais impressos em papel, havia um jornalista e radialista francano que corria atrás de patrocinadores o tempo todo para financiar suas colunas nos jornais e programas de rádio. Nessa dura batalha pela sobrevivência, mantinha sempre no rodapé de suas páginas nos jornais uma engraçada rotina: contava as desculpas dadas ao telefone por empresários que queriam fugir dele e de pagar publicidade, num tempo em que não havia celular, apenas o fixo. Ficava fácil para o fugitivo passar uma desculpa à secretária e despachar o “pidão”. Algumas das mais recorrentes eram “foi levar a sogra ao médico”, “foi ver uma obra no rancho em Rifaina”, “foi pra uma feira de calçados em São Paulo”, “está na esteira de produção resolvendo um problema”.

Com o advento do celular, ficou mais difícil escapar. Felizmente para eles, a imprensa em papel acabou.

Pensei em como essas coisas vão se transformando com o tempo, num mundo onde as mentiras (fake news) se tornaram parte do cotidiano das pessoas, que as replicam sem pensar no absurdo de certas postagens. Diferente das maluquices e maldades que escorrem pelo esgoto da internet, que ferem pessoas e causam crises sem motivo ou até mesmo afetam a saúde das pessoas atingidas, certamente, pequenas mentiras quase inofensivas caracterizam nosso comportamento humano, quem nunca?

Nos idos dos anos 1980, durante a construção do Partido dos Trabalhadores, lembro de um colega arquiteto que militava ativamente numa organização trotskista em Campinas. Participava de reuniões semanais do grupo, fazia análises de conjuntura, combinava panfletagens em portas de fábricas, essas coisas daquela época sombria ainda sob a ditadura militar. Certa vez, ele pediu ao grupo para mudar o dia da semana e o horário das reuniões. Foi questionado o motivo, ele informou que fazia terapia, coisa incomum na época, proposta que foi prontamente aceita pelo coletivo pois se tratava da saúde mental do companheiro. Anos depois, ele me confessou que, na verdade sua terapia era o futebol de salão que jogava com sua turma do bairro, os outros trotskistas nunca souberam.

Mas lembrei do jornalista francano por uma postagem na internet dia desses, num grupo que participo. Uma atividade importante sobre a questão climática foi colocada e pedida a presença das pessoas para pressionar por medidas urgentes sobre uma determinada lei que estava prestes a ser votada. Uma delas logo postou a impossibilidade de participar: “que pena, não poderei ir, infelizmente é o horário em que levo os cachorros pra passear”. Outro participante lascou uma melhor: “tenho horário na manicure”. Já falecido, essas desculpas o jornalista nunca deve ter ouvido.

Novos tempos, novas prioridades.

Mauro Ferreira é arquiteto